

**O Patrimônio Agroindustrial de Paraty: Os engenhos de cana-de-açúcar
como testemunhos na Paisagem Cultural**

*The agro-industrial heritage of Paraty: The sugarcane mills as testimonies in the
Cultural Landscape*

*El patrimonio agroindustrial de Paraty: Los ingenios de caña de azúcar como
testimonios en el Paisaje Cultural*

Mariana Lunardi Gatti Eichenberger

Mestranda, UNESP, Brasil.
ml.gatti@unesp.br

Nilson Ghirardello

Professor Doutor, UNESP, Brasil.
nilson.ghirardello@unesp.br

Rosio Fernández Baca Salcedo

Professora Doutora, UNESP, Brasil.
rosio.fb.salcedo@unesp.br

RESUMO

A cidade de Paraty (RJ) foi fundada no século XVII e seu centro histórico possui um conjunto edifícios históricos preservados, tombados pelo IPHAN e reconhecidos pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade. Paraty fez parte de importantes ciclos econômicos do Brasil, como o Ciclo do Ouro, do Café, a Economia da cana-de-açúcar e a Economia Escravista. Apesar de ter seu centro histórico preservado, a maioria dos antigos engenhos de cana-de-açúcar e seus alambiques, edificadas ao longo dos séculos XVIII e XIX, está em ruínas. O objetivo deste artigo é identificar a relevância destes antigos engenhos e alambiques no contexto histórico do município. Sua relação com o centro histórico, identificando os elementos que constituem atualmente a Paisagem Cultural da cidade, atribuindo seus valores. O método compreende 4 etapas: 1) análise de documentos para compreender a atuação da economia da cana-de-açúcar na cidade; 2) análise dos elementos da paisagem do centro histórico e dos antigos engenhos, 3) análise dos valores cognitivo, histórico, artístico e científico dos engenhos de cana-de-açúcar e seus alambiques, 4) Análise dos valores agrários e industriais dos antigos engenhos e seus alambiques. Os resultados demonstram que a economia de cana-de-açúcar esteve fortemente presente na história da vila; que a paisagem cultural de Paraty é composta pelos elementos fixos, semifixos e não fixos do centro histórico e dos engenhos e seus alambiques; que estes possuem valores cognitivos, artísticos, históricos e científicos e o caráter agrário e industrial que os engenhos desempenhavam, indicam o reconhecimento destes como Patrimônio Agroindustrial da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio Agroindustrial. Paisagem Cultural. Engenhos de cana-de-açúcar.

ABSTRACT

The city of Paraty (RJ) was founded in the 17th century and its historic center has a set of preserved historic buildings, listed by IPHAN and recognized by UNESCO as a World Heritage Site. Paraty was part of important economic cycles in Brazil, such as the Gold Cycle, the Coffee Cycle, the Sugarcane Economy and the Slave Economy. Despite having its historic center preserved, most of the old sugar cane mills and their stills, built during the 18th and 19th centuries, are in ruins. The objective of this article is to identify the relevance of these old mills and stills in the historical context of the city. Its connection with the historic center, identifying the elements that currently constitute the Cultural Landscape of the city, attributing its values. The method comprises 4 steps: 1) document analysis to understand the performance of the sugarcane economy in the city; 2) analysis of the landscape elements of the historic center and the old mills, 3) analysis of the cognitive, historical, artistic and scientific values of the sugarcane mills and their stills, 4) Analysis of the agrarian and industrial values of the old mills and their stills. The results demonstrate that the sugarcane economy was strongly present in the village's history; that the cultural landscape of Paraty is composed by fixed, semi-fixed and non-fixed elements of the historic center of the mills and their stills; that they have cognitive, artistic, historical and scientific values and the agrarian and industrial character that the mills played, indicate their recognition as Agro-industrial Heritage of the city.

KEYWORDS: Agro-industrial Heritage. Cultural Landscape. Sugarcane mills.

RESUMEN

La ciudad de Paraty (RJ) fue fundada en el siglo XVII y su centro histórico tiene un conjunto de edificios históricos preservados, catalogados por el IPHAN y reconocidos por la UNESCO como Patrimonio de la Humanidad. Paraty formó parte de importantes ciclos económicos en Brasil, como el Ciclo del Oro, el Ciclo del Café, la Economía de la Caña de Azúcar y la Economía Esclavista. A pesar de conservar su centro histórico, la mayoría de los antiguos ingenios azucareros y sus alambiques, construidos durante los siglos XVIII y XIX, se encuentran en ruinas. El objetivo de este artículo es identificar la relevancia de estos antiguos molinos y alambiques en el contexto histórico del municipio. Su relación con el centro histórico, identificando los elementos que actualmente constituyen el Paisaje Cultural de la ciudad, atribuyéndoles sus valores. El método comprende 4 pasos: 1) análisis de documentos para comprender el desempeño de la economía cañera en la ciudad; 2) análisis de los elementos paisajísticos del centro histórico y los antiguos ingenios, 3) análisis de los valores cognitivos, históricos, artísticos y científicos de los ingenios cañeros y sus alambiques, 4) análisis de los valores agrarios e industriales de los antiguos molinos y sus alambiques. Los resultados demuestran que la economía cañera estuvo fuertemente presente en la historia del pueblo; que el paisaje cultural de Paraty está compuesto por los elementos fijos, semifijos y no fijos del centro histórico y los ingenios azucareros y sus alambiques; que poseen valores cognoscitivos, artísticos, históricos y científicos y el carácter agrario e industrial que jugaron los ingenios, indican su reconocimiento como Patrimonio Agroindustrial de la ciudad.

PALABRAS CLAVE: Patrimonio Agroindustrial. Paisaje cultural. Molinos de caña de azúcar.

1 INTRODUÇÃO

O pensamento preservacionista ganhou uma nova dimensão quando, na segunda metade do século XIX, John Ruskin abordou pela primeira vez uma reflexão acerca da preservação no âmbito da cidade e não apenas dos edifícios históricos. A ideia de que um determinado monumento pertence integralmente ao seu entorno, e que, portanto, ambos são partes de um sistema, foi o primeiro passo dado para a compreensão de uma teoria, onde o espaço da cidade se torna testemunho de hábitos de uma sociedade em um determinado tempo. Tornando-se indispensável refletir sobre a preservação em nova escala, a do patrimônio urbano histórico (CHOAY, 2001, p. 175).

A busca pela compreensão das funções e qualidades da cidade histórica e seus monumentos (como partes integrantes), passou a ser tema de estudo para importantes teóricos, entre o fim do século XIX e início do XX. O próprio Ruskin, em seu entendimento sobre a preservação das cidades antigas, acreditava no seu teor sagrado, por designarem a nossa identidade, portanto deveriam ser preservadas e habitadas, assim como na antiguidade. Já Camillo Sitte advertia para a importância histórica, pedagógica e museal desses ambientes. No entanto, foi Gustavo Giovannoni o responsável pela teoria precursora que atribui aos centros históricos, simultaneamente, valores históricos e de uso, integrando-os a uma concepção total da organização de um território (CHOAY, 2001, p. 175 – 203).

Os centros históricos representam principalmente “o traçado inicial da cidade, são estruturas urbanas e arquitetônicas que expressam as manifestações políticas, econômicas, sociais, culturais e tecnológicas das formações sociais dos diferentes períodos históricos, por meio dos quais evoluiu” (SALCEDO, 2007, p. 15). Portanto, são estes - patrimônios urbanos históricos - os testemunhos físicos de um sistema social, econômico e cultural, edificados em tempos passados, representando um conjunto de partes que configuram uma unidade, uma paisagem. Uma paisagem fisicamente modificada pela ação do tempo, da natureza e do homem, sendo assim, uma Paisagem Cultural.

Rapoport (2003) define as Paisagens Culturais como um entorno com organização de espaço, tempo, significado e comunicação, e afirma:

[...] são compostas por sistemas de lugares, dentro dos quais fluem sistemas de atividades. Tanto a paisagem cultural (lugares e codificações) como os sistemas de atividades são compostos por elementos fixos e semifixos e foram criados e habitados por elementos não fixos (RAPOPORT, 2003, p. 44, tradução nossa).

Segundo o autor, dentro da paisagem, os elementos fixos são: a infraestrutura, os edifícios, os muros, os pavimentos, os tetos e colunas. Os elementos semifixos são o mobiliário interno: objetos de decoração, cadeiras, mesas, cama, fogão, cortinas etc. e mobiliário externo: as árvores, os jardins, as lombadas, os semáforos, letreiros. Os elementos não-fixos são os humanos, os animais, os vestuários, veículos etc. (RAPOPORT, 2003, p.54). Salcedo acrescenta posteriormente que, considera-se parte dos elementos fixos da paisagem os elementos naturais, tais como os rios, o mar, o solo, as florestas e as condições climáticas (SALCEDO, 2021, p. 106).

A Recomendação da Europa de 1995 define o termo Paisagem Cultural como:

Periódico Técnico e Científico

Cidades Verdes

ISSN eletrônico 2317-8604, volume 10, número 28, 2022

Partes específicas, topograficamente delimitadas da paisagem, formadas por várias combinações de agenciamentos naturais e humanos, que ilustram a evolução da sociedade humana, seu estabelecimento e seu caráter através do tempo e do espaço e quanto de valores reconhecidos têm adquirido social e culturalmente em diferentes níveis territoriais, graças à presença de remanescentes físicos que refletem o uso e as atividades desenvolvidas na terra no passado, experiências, experiências ou tradições particulares, ou representação em obras literárias ou artísticas, ou pelo fato de ali haverem ocorrido fatos históricos (Recomendação da Europa, 1995, p. 3).

Alois Riegl (2014), foi o primeiro historiador a atribuir aos monumentos uma teoria de valores, distinguindo-os por suas características próprias. Segundo ele, os monumentos podem possuir valores de caráter histórico, de antiguidade, de arte, de memória e de uso. Com o tempo, outros teóricos foram atribuindo outros valores aos monumentos, como valor cognitivo, nacional, científico e econômico (CHOAY, 2001, p. 116).

Considerando as atribuições de valores pertinentes a cada monumento, compreende-se que a supressão ou a descaracterização destes: edifícios, vias, pontes, largos, praças etc., dentro de uma Paisagem Cultural, pode significar perdas irreparáveis para o patrimônio histórico e conseqüentemente para a cidade, para a sua população e para a história. Visto que a desconexão de partes, e do todo, que essas intervenções podem ocasionar, desencadeia um processo de perda de valores de todos os tipos.

Paraty (RJ) é uma cidade litorânea do estado do Rio de Janeiro, foi fundada no início do século XVII, durante o processo de ocupação e colonização do Brasil. O assentamento se deu ao centro de uma baía rasa, margeada por manguezais, onde embarcações de grande porte não conseguem se aproximar pela baixa profundidade de seu porto. Por suas adjacências de costa montanhosa, recortada e protegida, servem, até hoje, como refúgio para embarcações. A vila foi porto e porta de entrada para um dos primeiros caminhos que alcançavam os sertões paulistas no início do processo de colonização do Brasil (COTRIM, 2012).

Seu centro histórico preserva até hoje muitas das características das cidades coloniais brasileiras, sendo um importante testemunho do funcionamento das sociedades daquela época: suas atividades culturais, políticas e econômicas. Guardando, conseqüentemente, partes da história do Brasil.

Não por acaso, o conjunto arquitetônico e paisagístico de Paraty foi tombado pelo Iphan, em 1958; o município recebeu o título de Monumento Nacional, em 1966; e um novo tombamento incluiu o entorno do conjunto arquitetônico e paisagístico do município, em 1974 (<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/381/>). Em 2019, foi reconhecida como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, como sítio misto, por suas características naturais e culturais (<https://veja.abril.com.br/brasil/paraty-e-ilha-grande-recebem-titulo-de-patrimonio-mundial-da-unesco/>).

Paraty fez parte do Ciclo do Ouro: Durante a primeira década do século XVIII, seu porto foi responsável pelo escoamento do ouro vindo das Minas Geais, onde, a partir de lá, o minério era embarcado e seguia por cabotagem¹ até o porto do Rio de Janeiro. Porém, já no fim da primeira década do mesmo século, a Coroa Portuguesa concluía a abertura do Caminho Novo, que levaria o metal das Minas diretamente ao porto do Rio de Janeiro. O Caminho Velho, como ficou conhecido, (caminho que seguia das Minas até Paraty), foi terminantemente fechado pela Coroa

¹ Cabotagem é o transporte marítimo de produtos entre portos da mesma costa.

Portuguesa para o trânsito de ouro e passou a ser utilizado como porto de entrada de suprimentos para as atividades das Minas (RIBAS, 2003, p. 31 - 36).

Paraty fez parte do Ciclo do Café: Durante o século XIX, o chamado Caminho Velho, passou a ser rota de escoamento da produção cafeeira do Vale do Paraíba, especificamente as produções de café de Lorena e Guaratinguetá. O produto chegava ao porto de Paraty e de lá era embarcado para seus destinos (SOBRINHO, 1978, p. 30).

Paraty fez parte da Economia da cana-de-açúcar e da Economia Escravista, ao longo dos séculos XVIII e XIX: Apesar de predominar uma ideia de que a vila tenha prosperado ao longo dos séculos pela circulação da economia do ouro e do café, pesquisas mais recentes apontam que, a partir do século XVIII o cultivo da cana-de-açúcar, majoritariamente para a produção de aguardente, foi a principal economia presente em Paraty, bem como em todo o litoral da Capitania do Rio de Janeiro, e assim permaneceu até a metade do século XIX. A razão primordial para tanta produção de aguardente é o fato de a bebida ser o principal produto de troca por africanos escravizados na costa da África. Paraty aparece como um dos maiores fornecedores de aguardente para o porto do Rio de Janeiro, sendo este (RJ), o principal porto de entrada de africanos escravizados do Brasil, ao longo dos séculos XVIII e XIX (MARQUES, 2017, p. 98 - 121).

Segundo Marques (2017), o principal fator externo responsável pelo aumento da fabricação da cachaça no Litoral Sul Fluminense, especialmente em Paraty, foi o aumento da demanda de mão-de-obra africana escravizada, para atender as necessidades dos setores produtivos do Brasil (colônia e império), a partir da segunda metade do século XVIII, até a primeira metade do século XIX. Dessa forma, a cachaça servia como moeda de troca por pessoas escravizadas no continente africano. Segundo a autora, a produção da cachaça, em Paraty, foi a atividade que gerava recursos na mesma medida da expansão da escravidão, até meados da década de 1850 (MARQUES, 2017, p.121).

Analisando o Roteiro Documental do Acervo Público de Paraty, foram encontrados relatos de época que dão indícios das atividades econômicas da vila, em momentos diferentes. São eles:

Um registro de petição protocolada na Câmara da vila de Paraty, em 1771, a respeito da doação de Sesmaria de Paraty Mirim, passada a Francisco Farel, em sete de maio de mil seiscentos e vinte, onde se acha estabelecida a fazenda do suplicante com um Engenho de fabricar açúcar (RAMECK; MELLO, 2011, p.97).

Arrematações de aguardente no ano de 1761, em Paraty, que demonstram que neste mesmo ano mandaram pôr à venda as pipas de aguardente da terra, tendo o porteiro anunciado a oferta pelas ruas da vila em voz alta, sendo vendidas para Manoel Ramos, pelo valor de cento e noventa e cinco mil reis (RAMECK; MELLO, 2011, p.44).

O Relatório de Manoel da Silva Mariz, em 1790, sobre a vila de Paraty, dizendo que se achava a vila, naquele momento, com: 392 casas edificadas, sendo 35 assobradadas; 230 casas distribuídas nas áreas rurais. Possuía 15 casas de negócios que vendiam sal e cascos de pipa de aguardente da terra; 23 lojas de mercadorias que vendiam baetas, panos de linho, sedas, linhos e algodões; 14 vendas que vendiam vinho, vinagre, azeite doce, azeite de peixe e outros víveres. Possuía o distrito, naquele tempo, 05 engenhos de fabricar açúcar, e 87 Engenhocas de fabricar aguardente (RAMECK; MELLO, 2011, p.18).

Um Registro do Ofício da Câmara Municipal da cidade de Paraty, no ano de 1864, que informando que os gêneros comerciais exportados no decurso do ano anterior eram da ordem

de 194.447 alqueires de feijão, 669 de farinha, 100 ditas de favas, 620 ditas de pinhão, 11.746 ditos de milho, 60 ditos de amendoim, 90 ditos de cal, 311.070 achas de lenha, 180 barricas várias, 45 carros de boi, 28 toras de cabiúna, 30 ditas de pequiá, 27 *conçoeiras* de cabiúna, 25 pranchões da dita, 270 cocos, 144 medidas de mel de fumo, 14 dúzias de Taboado, 15 sacos de arroz, 30 rodas de arcos de pipa e 2.326 pipas de aguardente (RAMECK; MELLO, 2011, p.124).

A partir dos relatos supracitados, pode-se observar algumas das principais atividades que movimentaram a economia do município de Paraty, ao longo dos séculos XVIII e XIX. Dentre elas, o comércio dos armazéns e vendas, voltados a atender às necessidades dos navegantes e tropeiros; a produção de gêneros alimentícios para exportação, e, mais expressivamente, o cultivo de cana-de-açúcar para fabricação de aguardente. Também, é possível constatar, a partir da carta de doação de Sesmaria da fazenda Paraty Mirim, que o cultivo de cana de açúcar, no município, ocorre desde o século XVII.

Zeito Freire (2012), em seu livro *Paraty no século XX*, buscou relacionar os antigos engenhos de cana-de-açúcar, que se tem conhecimento da existência no município, totalizando 92 unidades. Estão relacionados abaixo:

Quadro 1.

Relação de Engenhos de cana-de-açúcar de Paraty até o início do século XX.	
01 - Boa Vista 1 – Dr. João Lopes	30 – Itatinga – Gabriel Arcanjo Lopes de A.
02 - Boa Vista 2 – Dr. José Borges	31 – Paraty Mirim – Manoel José de Souza
03 - Boa Vista 3 – Johan Ludwig H. Bruns	32 – Paraty Mirim – Manoel José de Souza
04 - Canhanheiro – Jeronimo Ribillet	33 – Pedras Azuis – Cap. A. Ferreira V. França
05 – Bom Jardim 1 – Henrique Berchand	34 – Sobradinho – Antonio Manoel Alves
06 – Bom Jardim 2 – Henrique Berchand	35 – S. da Independência 1 – José Avelino
07 – Tucupê 1 – João Gama	36 – S. da Independência 2 – João Avelino
08 – Tucupê 2 – Dr. João Gama	37 – Faz. Laranjeiras – José Santinoni
09 – Praia Grande – Antonio F. de Araújo	38 – Martim de Sá – Prop. desconhecido
10 - Jurumirim – Luiz José Gonçalves	39 – Praia G. da Cajaíba – Cap. José Araújo
11 – Praia do Baré 1 – Francisco Isidoro	40 – Ponta da Cajaíba – Cap. Manoel Bulé
12 – Praia do Baré 2 – Francisco Isidoro	41 – Praia do Sobrado – Cap. José Viana
13 – Praia do Guerra – Antonio Guerra	42 – Praia do Engenho – Ca. Pedro de Almeida
14 – Praia da Areia – José Bonifácio	43 – Praia das Antas – Cap. Faustino Souza
15 – Praia da Lula – Prop. desconhecido	44 – Mamanguá Rio Grande – Cap. Antonio Pacheco
16 – Praia da Conceição – Benedito Moura	45 – Mamanguá R. Turvo – Padre M. Veludo
17 – Praia do Preguiça – Padre Viana e sua irmã Catarina Viana	46 – Mamanguá Regato – José Moreira
18 – Ilha do Algodão 1 – Padre Viana e sua Irmã Catarina Viana	47 – R. dos Meros – E. Campinho – José de S.
19 - Ilha do Algodão 2 – Padre Viana e sua Irmã Catarina Viana	48 – Rio dos Meros 2 – João de S. Magalhães
20 - Ilha do Algodão 3 – Padre Viana e sua Irmã Catarina Viana	49 - Rio dos Meros 3 – Barnabé Ramos de O.
21 - Sucuri – João Jaques de Moraes	50 - Rio dos Meros 4 – Antonio Luiz de Souza
22 - Serraria – João L. de Oliveira	51 - Rio dos Meros 5 – Crispim R. de Alcantara
23 - Pastinho – Manoel do Sobrado	52 - Rio dos Meros 6 – Dr. João Lopes
24 – Porto Grande – Manoel A. Vasco da G.	53 – Olaria 1 – Abílio Dutra
25 – Diogo Vaz – Diogo Vaz	54 – Olaria 2 – Carlos Santos dos Dias
26 – Fundão – Pedro E. de A. Correa	55 – Olaria 3 – Mar. Manoel Eufrásio dos S.
27 – Barreiros – Espanhol (desconhecido)	56 – Olaria 4 – Luiz José Vieira (caldeira)

28 – Caçada – Benedito Alves	57 – Ribeirinho – João José Gomes
29 – Rio Turvo – Benedito Alves	58 – Faz. Preta – Manoel F. P. dos Santos
59 – Pedraria – Manoel Bento Souza	76 – Faz. Preta do Saco Grande – Antonio Florencio
60 – Várzea da Marina – Marina Silva Santos	77 – Alto do Corumbê – Geraldo Silva
61 – Corisco – José Theophilo da C. Moreira	78 – Saco Grande 1 – José Marcelino de Oliveira Garcez
62 – F. N. S. da Conceição-Bananal – Da. Geral da Maria Silva – Santa Casa de Misericórdia	79 – Saco Grande 2 – Antonio Bittencourt
63 – Faz. Cachoeira – Cap. Apolinário de P. e Silva	80 – Ponta da Navalha – Manoel Dutra
64 – Faz. Cachoeirinha - Cap. Apolinário de P. e Silva	81 – Praia Grande – Cap. Joaquim Lourenço de Oliveira
65 – Faz. Bananal – Dr. Paulo Souza	82 – Sertão do Saco Grande – Cap. Joaquim L. da Silva
66 – Faz Bananal – Francisco Costa	83 – Praia do Engenho – Perciliana Moura
67 – Faz. Carretão – Francisco Costa	84 – Eng. Do Buraco – Graúna – Perciliana Moura
68 – Alto Bananal – Da. Carolina Santos	85 – Graúna – Júlio Honorato
69 – Faz. Pedra Branca – Tte. Francisco Manoel de Alvarenga e Souza	86 – Rio Pequeno – José Coelho
70 – Bom Retiro – Fundos – Eng. Da Moenda – José Moreira	87 – Nanhanquara – Joaquim Dutra
71 – Caboclo – José R. de Carvalho	88 – Barra Grande Honório Lima
72 – Faz. Bom Retiro – Bernardino Moreira	89 – Taquari 1 - Engenho Central – Dr. Alberto Maranhão
73 – Várzea do Corumbê – Engenho do Malvão – Benedito Malvão	90 – Taquari 2 – Faz. Do Bertrand
74 – Barra do Corumbê – Benedito Malvão (pai)	91 – Sertão do Taquari – Antonio Zoroastro
75 – Corumbê – João Soares	92 – Barra Grande – Eng. Da Colônia de franceses

Fonte: FREIRE, 2012, p. 24 - 25.

Atualmente, o município de Paraty continua sendo um importante produtor de cachaça, porém, nenhuma das antigas estruturas citadas acima é sede das atuais produções. Muitos dos antigos engenhos e alambiques, mencionados no quadro acima, se encontram em total estado de ruína, outros em processo de ruína. Outros, nem mesmo as suas ruínas podem mais ser encontradas. São produtores das cachaças paratiense, atualmente os alambiques: Maria Izabel, Coqueiro, Corisco, Engenho D'ouro, Engenho Pedra Branca e Paratiana.

Dos antigos engenhos, já inoperantes, apenas três mantêm suas edificações mais preservada. São eles: O Engenho da Fazenda Bananal (Muricana), restaurado e sediado por um restaurante; o Engenho da Boa Vista 3, abandonado, em processo de ruína e o Engenho da Fazenda Bom Retiro.

Estes patrimônios abandonados, situados às margens do centro histórico de Paraty, estão distribuídos por toda a costa do município e nos seus sertões, testemunhando a grande relevância que esta atividade possuía no passado de sua sociedade. Portanto, fazem parte de um importante elemento da Paisagem Cultural da cidade, e seu caráter de **Patrimônio Agroindustrial** deve ser avaliado.

A Carta de Baeza (2012), define o **Patrimônio Agrário** como um conjunto de bens naturais e culturais, gerados ou explorados pela atividade agrícola ao longo da história. Entre os bens considera-se utensílios ou ferramentas usadas para agricultura, transporte, armazenamento e fabricação de colheitas e gado, documentos e objetos bibliográficos; elementos construtivos, como casas de fazenda, pomares, centros de transformação agrícola, celeiros, cercas etc.; imóveis conjuntos ou lineares, como paisagens, assentamentos rurais, sistemas de irrigação, agro ecossistemas únicos, trilhas de gado, veredas etc. (CARTA DE BAEZA, 2012, p. 32).

A Carta de Nizhny Tagil define o **Patrimônio Industrial** como os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infraestruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação. (CARTA DE NIZHNY, 2003, p. 03)

Beatriz Mugayar Kuhl (2008) em seu livro *Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização*, observa que, ao se tratar do **Patrimônio Industrial**, o cuidado com o entorno deve ser observado com maior cautela, uma vez que, com frequência, o complexo de edifícios e outras estruturas, fazem parte de uma rede integrada que se complementa formando uma espécie de organismo. Essas intervenções feitas em escala urbana, quando bem-sucedidas, valorizaram o local e seu entorno, preservando o bem cultural, atraindo pessoas da região e visitantes. Muitos são os fatores que devem ser levantados e considerados quando se trata da requalificação de um Patrimônio Industrial. A determinação do uso-do-solo deve ser feita levando em conta as suas características originais, e assim respeitá-las, valorizá-las e não deturpar seus elementos de valores individuais (KUHL, 2008, p. 134 - 151).

2 OBJETIVOS

Identificar a relevância dos engenhos de cana-de-açúcar e seus alambiques, edificados entre os séculos XVIII e XIX, no contexto histórico do município. Sua relação com o centro histórico, identificando os elementos que constituem atualmente a Paisagem Cultural da cidade, atribuindo seus valores cognitivo, histórico, artístico e científico.

3 METODOLOGIA

A pesquisa está fundamentada por um conjunto de métodos que busca avaliar a relevância dos antigos engenhos de cana-de-açúcar de Paraty e seus alambiques, dentro da Paisagem Cultural da cidade, da seguinte forma:

3.1 O método bibliográfico e documental, empregado para avaliar criticamente um conjunto de dados obtidos e catalogados em livros, artigos, dissertações e teses, iconografia e outras evidências, com o intuito de:

3.1.1 Compreender as dinâmicas econômicas presentes em Paraty, a partir da segunda metade do século XVIII até a metade do século XIX, considerando a relevância da produção de cana-de-açúcar e fábrica de aguardente na economia local, e o impacto destas atividades nas dinâmicas sociais e culturais da sociedade paratiense.

3.1.2 Buscar compreender, através da análise de documentos transcritos, as relações de diálogo que os antigos engenhos de cana-de-açúcar e seus alambiques estabeleciam com a vila, durante os séculos XVIII e XIX, para consolidar as dinâmicas econômicas.

3.2 Através do método de análise da Paisagem Cultural proposto por Rapoport (2003) e Salcedo (2021), identificar os elementos presentes na paisagem cultural do centro histórico de Paraty e dos antigos engenhos de cana-de-açúcar e seus alambiques, da seguinte forma:

3.2.1 Identificar os elementos fixos, semifixos e não fixos do centro histórico de Paraty.

3.2.2 Identificar os elementos fixos, semifixos e não fixos dos antigos engenhos de cana-de-açúcar e seus alambiques, para buscar compreender de que maneira estes estão conectados com os demais elementos da Paisagem Cultural de Paraty, tornando-os partes imprescindíveis na paisagem.

3.3 Com base em Riegl (2014), identificar os valores cognitivo, histórico, artístico e científico dos antigos engenhos de cana-de-açúcar e seus alambiques, para seu reconhecimento como patrimônio, relevantes para a cidade, para a sociedade e para o país.

3.4 Através dos conceitos das Cartas de Baeza, sobre **Patrimônio Agrário** e Nizny Tahgil, sobre o **Patrimônio Industrial**, buscar justificar o reconhecimento do título de Patrimônio Agroindustrial que os antigos engenhos de cana-de-açúcar de Paraty e seus alambiques possuem.

4 RESULTADOS

4.1 Analisados os dados históricos e econômicos da vila, foi possível identificar com base na bibliografia e documentos pesquisados:

4.1.1 Que as fazendas de cana-de-açúcar estão presentes em Paraty desde 1621, conforme consta no trecho que cita a carta de doação de Sesmaria da Fazenda Paraty Mirim. Ou seja, oito décadas antes da descoberta do ouro nas Minas Gerais. E ainda que a produção tenha se tornado mais expressiva somente após a segunda metade do século XVIII, com o aumento do tráfico de escravos, conforme cita Camila Marques (2017), sua produtividade se manteve alta até a segunda metade do século XIX, registrando grandes quantidades, se comparadas com os outros gêneros produzidos no município.

4.1.2 A partir dos relatos supracitados, também foi possível compreender de que maneira o comércio da aguardente produzida nos antigos engenhos e alambiques, ocorria no centro da vila, através do apregoamento dos lotes em praça pública, sendo arrematados ali mesmo pelos comerciantes ou moradores, mantendo dinâmicas sociais, econômicas e culturais mútuas entre os engenhos e a vila.

4.2 Pela análise dos elementos fixos, semifixos e não-fixos, propostos por Rapoport (2003) e Salcedo (2021), que compõem a Paisagem Cultural de Paraty atualmente, foi possível observar os seguintes elementos:

4.2.1 Elementos da paisagem do centro histórico de Paraty:

Elementos fixos:

- Elementos naturais: o mar, a orla, os rios, a Mata Atlântica, os manguezais, as montanhas da Serra do Mar, os morros, as ilhas e a baía em si.
- Elementos construídos pelo homem:

O centro histórico de Paraty possui 31 quarteirões edificados em arquitetura colonial, com casas de 1 ou 2 pavimentos. Essas casas podem ter sido habitadas ou serviram para comércios, ou ambos os usos. Os sobrados poderiam ser utilizados para comércio no piso térreo e moradia no piso superior, ou ainda, em casos de famílias mais abastadas, eram sobrados apenas residenciais. Possui 01 igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios (dos homens e mulheres brancas) e defronte, a sua praça, chamada Praça da Matriz, ladeada pela rua da cadeia, onde se encontrava a antiga casa de câmara e cadeia (demolido); 01 igreja de Nossa Senhora de Santa Rita (dos homens e mulheres pardas e negros e negras livres) com largo frontal; 01 igreja de Nossa Senhora do Rosário (dos

homens e mulheres escravizadas) com pequeno largo lateral e 01 igreja de Nossa Senhora das Dores (das senhoras da cidade) com largo frontal. 01 cadeia ao lado da igreja de Santa Rita, 01 praça da bandeira; 01 fortificação de frente ao mar com canhões, nos arredores da praça da bandeira; 01 cais, que ainda nos anos de 1860 não havia sido concluído por falta de rendimento da vila.²

Próximo à igreja da Matriz, na parte de trás, encontra-se 01 ponte que atravessa o rio Perequeaçú, dando passagem para a antiga região do Bananal; 01 casa de Misericórdia (Santa Casa), construída no início do século XIX (CURY, 2008, p. 274); 01 cemitério no alto do morro do Forte Defensor Perpétuo, construído ao final do século XIX (CURY, 2008, p. 286) e 01 fortificação no morro do Forte Defensor Perpétuo, com canhões. Abaixo, na imagem 01, segue foto do centro histórico de Paraty.

Imagem 01 – Centro Histórico de Paraty



Fonte: <https://paraty.com.br/paraty-patrimonio-mundial-unesco/>

Elementos semifixos:

- Atualmente observa-se arborização da praça da Matriz, o mobiliário urbano: as placas com os nomes das ruas, as luminárias de iluminação pública (do século XXI), os canhões, as correntes impedindo o trânsito de veículos.

As ruas não possuem arborização, assim como os modelos de cidade colonial. Os largos das igrejas não possuem arborização.

Elementos não fixos:

- Seus moradores, seus trabalhadores, os visitantes. Eventualmente, animais como cavalos e burros em charretes ou carroças. Os barcos de passeio turístico nas margens do rio e do mar.

4.2.2 Elementos da paisagem dos antigos engenhos de cana-de-açúcar de Paraty e seus alambiques:

Elementos fixos:

- Elementos naturais: o mar, as praias, as costeiras, os rios, as cachoeiras, a Mata Atlântica, os manguezais, as montanhas da Serra do Mar, as ilhas e a baía em si.
- Elementos construídos pelo homem:

²A informação sobre a construção do cais encontra-se em (RAMECK; MELLO, 2011, p.151).

Os antigos engenhos de cana-de-açúcar e seus alambiques, citados anteriormente por Zezito Freire (2012), sendo que, alguns engenhos ainda estão íntegros, como o Engenho Bom Retiro (conforme imagem 02), que continua habitado por parte dos herdeiros, porém não produz mais cana-de-açúcar ou aguardente; o Engenho da Fazenda Bananal (conforme imagem 03) encontra-se restaurado e é sede de um restaurante, atualmente; o Engenho da Boa Vista 3, (conforme imagens 04, 05 e 06) é o mais próximo da vila, está abandonado e em processo de arruinamento.

Dos 92 engenhos, muitos já não se encontram vestígios, outros podem se apresentar por fragmentos, em meio à Mata Atlântica, com partes de estruturas edificadas já em ruínas. Em algumas praias, persistem uma ou outra roda d'água, pedaços de pilares e antigas telhas espalhadas pela mata (conforme imagem 07).

Os antigos engenhos e alambiques, ainda presentes na Paisagem Cultural de Paraty, possuem características semelhantes entre si. As fazendas possuíam as áreas agricultáveis e as áreas edificadas, onde se encontram, ainda hoje, os casarões de engenho, que dividiam os usos de moradia, processamento da cana-de-açúcar e produção da aguardente.

Esses casarões eram edificadas, geralmente, em dois pavimentos:

O pavimento superior, ocupado pelos Senhores e suas respectivas famílias, era a área residencial do complexo.

Nos fundos dos casarões, se encontrava um terraço coberto, onde estava a roda d'água. Ali começava o processo de moagem da cana-de-açúcar e posterior filtragem do caldo-de-cana.

No pavimento inferior, estavam os porões para produção e armazenamento da aguardente. Aqui, eram locados grandes tonéis de madeira que conservavam o caldo-de-cana e a levedura, durante o processo de fermentação da bebida. Após fermentada, a aguardente era dividida (retiradas as partes impróprias para consumo: cabeça e cauda). O coração, como se chama a parte nobre da bebida, ficava armazenada em tonéis de madeira específicos, para seu envelhecimento e aromatização (MESSIAS, 2014, p. 01).

Em alguns casos, as senzalas também estavam localizadas nos porões, nos pavimentos inferiores dos casarões.

Elementos semifixos:

- No passado, se encontravam as plantações de cana-de-açúcar, as hortas familiares, os arados, os pilões para uso doméstico, os tachos de cobre para cozimento do caldo-de-cana (para produção de melaço ou açúcar), entre outros. A maioria destes elementos não existe mais, por falta de atividade de qualquer tipo nos antigos engenhos.

Elementos não-fixos:

- No passado: O Senhor de Engenho, sua esposa e filhos; os homens e mulheres escravizados e seus filhos: eram os trabalhadores de atividades domésticas, de atividades de agricultura e produção da fábrica de aguardente; os animais: cavalos, burros, galinhas etc.

Atualmente: O Engenho da Boa Vista 03 não possui elementos não-fixos significativos, uma vez que, não possuem uso algum; o Engenho Bom Retiro possui seus moradores e

Periódico Técnico e Científico

Cidades Verdes

ISSN eletrônico 2317-8604, volume 10, número 28, 2022

animais de estimação e o Engenho Bananal possui seus trabalhadores, seus clientes e turistas.

Abaixo, algumas imagens dos antigos engenhos de Paraty em diferentes estágios de conservação:

Imagem 02 – Engenho do Bom Retiro



Fonte: <https://rum.cz/gallery/sam/br/retiro/pic/pic01-en.htm>

Imagem 03 - Casa do Engenho da Fazenda Bananal.



Fonte: <https://www.fazendabananal.com.br/>

Imagem 04 - Engenho da Boa Vista 3.



Fonte: João Bastos (2022).

Imagem 05 - Engenho da Boa Vista 3.



Fonte: João Bastos (2022).

Imagem 06 - Engenho da Boa Vista 3.



Fonte: João Bastos (2022).

Imagem 07- Ruína de roda d'água na praia do Baré.



Fonte: Mariana L. G. E. (2020).

Portanto, observa-se que, a Paisagem Cultural de Paraty contém vestígios de uma sociedade tipicamente colonial: a praça central onde se concentra o poder, relacionado aos homens brancos; as outras igrejas que distinguem a sociedade por raça e por classe social; os fortes que protegiam a cidade de ataques piratas; os casarios que preservam sua função residencial e comercial, reafirmando sua vocação portuária de entreposto, e, a ausência de um cais (até a segunda metade do século XIX) pode dar indícios de que a economia portuária não era tão relevante. É importante lembrar que, nas ruas da cidade, um porteiro anunciava os lotes de aguardente disponíveis para venda, sendo estes arrematados pelos próprios moradores ou comerciantes da vila, conforme relato na página 05 deste artigo.

Nas demais áreas do município, tanto nas áreas costeiras quanto em seus sertões (não urbanizadas), encontra-se os antigos engenhos de cana-de-açúcar e seus alambiques que operaram como palco da operação agroindustrial brasileira durante séculos, como uma das mais importantes economias da história do Brasil.

Considerando as dinâmicas que se estabeleciam entre os engenhos e a vila, assim como, os instrumentos e elementos que os conectavam, como embarcações, carroças, pontes, estradas etc., acredita-se ser de inestimável relevância o reconhecimento dos antigos engenhos de cana-de-açúcar e seus alambiques na composição da Paisagem cultural de Paraty, como sua parte integrante e insuprimível. Abaixo, a imagem 08 demonstra a localização do Engenho Boa Vista 3, em relação ao centro histórico.

Imagem 08 – Vista do Engenho Boa Vista 03. A seta indica o centro histórico de Paraty.



Fonte: João Bastos (2022).

4.3 Através dos valores atribuídos ao patrimônio, por Riegl (2014), observou-se que os antigos engenhos de cana-de-açúcar de Paraty e seus alambiques possuem:

4.3.1 Valor cognitivo, pois fazem parte da memória da sociedade paratiense, desde os ambientes edificados, o conhecimento das técnicas de agricultura e produção da aguardente, até a tradição de consumo da bebida, criando laços de identidade e pertencimento entre a população local.

4.3.2 Valor histórico, uma vez que seu patrimônio material é testemunho importante de modos de habitar e produzir da sociedade brasileira, abrangendo elementos da história da cidade

e do país. São registros físicos de importantes ciclos econômicos brasileiros, como a economia da cana-de-açúcar e a economia escravista.

4.3.3 Valor artístico, pois são representantes da arquitetura colonial brasileira, com suas técnicas construtivas, estilo arquitetônico e outros objetos de arte peculiares do seu tempo.

4.3.4 Valor científico, pois são testemunhos de técnicas agrárias e industriais que existiram em tempos passados, e, portanto, devem ser preservados para que sejam estudados e conhecidos por esta geração e pelas futuras.

4.4 Considerando as definições atribuídas ao patrimônio agrário e industrial, na Carta de Baeza (2012) e na Carta de Nizhny Tagil (2003), é possível afirmar o reconhecimento dos antigos engenhos de cana-de-açúcar de Paraty e seus alambiques como Patrimônio Agroindustrial, uma vez que apresenta:

4.4.1 Valores por sua vocação agrária, uma vez que os engenhos cultivavam a cana-de-açúcar a partir de técnicas específicas, nas áreas da fazenda, sendo testemunhos de atividades de agricultura de tempos antigos.

4.4.2 Valores por sua vocação industrial, uma vez que empregava técnicas específicas para processamento da cana-de-açúcar e produção, armazenamento e comercialização da aguarente.

5 CONCLUSÃO

Os fatos descritos acima demonstram a grande relevância que os antigos engenhos de cana-de-açúcar e seus alambiques desempenham como Patrimônio de Paraty. Por seus valores históricos, artísticos, cognitivos e científico, contribuem como testemunhos da história da sociedade e economia paratiense e brasileira; como testemunho da arquitetura e arte presentes em tempos antigos; para reafirmar as tradições e costumes da sociedade paratiense ao longo de séculos e como registro de técnicas de produção agrária e industrial presentes no passado. Sua materialidade, manifesta em seus casarões, sua arquitetura, suas rodas d'água, suas técnicas e materiais construtivos, maquinários, instrumentos e objetos devem ser investigados, inventariados, protegidos, restaurados e reabilitados, do mesmo modo que todo o conjunto arquitetônico do centro histórico já é. Afinal, são eles (os engenhos), elementos estruturais que se conectam com seu entorno de diversas maneiras, como um organismo. Suas partes são fundamentais para a compreensão do funcionamento do todo. São testemunhos físicos de métodos e técnicas empregadas por nossos antepassados, que transformaram o solo, de modo a extrair dele uma forma de sobreviver. De culturas e dinâmicas de sociedades passadas, são registros de eras, ciclos econômicos, sistemas políticos (locais e nacionais).

De modo que, é inegável que, dentro da Paisagem Cultural de Paraty se encontra um Patrimônio Agroindustrial de inestimáveis valores, o qual deve ser reconhecido, para que se encontre esforços que garantam a sua salvaguarda.

6 REFERÊNCIAS

6.1 Livros e capítulos de livro

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.

6.2 Dissertação, tese e trabalho acadêmico – Impresso

CURY, Isabelle. **O estudo morfológico de Parati no contexto urbanístico das cidades marítimas atlânticas de origem portuguesa** – SP, 2008. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo, 2008.

MARQUES, Camila Moraes. **Dimensões de um patrimônio: significados e silenciamentos na história da cachaça: Paraty, fins do século XVIII a meados do XIX** – RJ, 2017. Tese (Doutorado em História, política e bens culturais). Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/24548>.

6.3 Artigo de Periódicos

MESSIAS, Gabriel Barbosa. **Produção da Cachaça**. Centro de Pesquisa e Desenvolvimento da Qualidade da Cachaça Faculdade de Ciências Farmacêuticas - Câmpus de Araraquara, 2014. Disponível em: <https://www2.fcfar.unesp.br/#!/unidade-auxiliar/alimentos-e-analise-ambiental/centro-de-pesquisa-e-desenvolvimento-da-qualidade-da-cachaca/cachaca/uma-breve-historia-da-cachaca/>.

RAPOPORT, Amos. **Naturaleza y tipos de entornos: Cultura, arquitectura y diseño**. **Revista Architectonics: Mind, Land & Society**, nº 5. Barcelona: UPC, p. 33-59, 2003. Disponível em: https://www.academia.edu/10399131/Cultura_arquitectura_y_dise%C3%B1o_Amos_Rapoport.

6.4. Documentos

RECOMENDAÇÃO DA EUROPA. **Recomendação n R (95)**. Sobre a conservação integrada das áreas de paisagens culturais como integrantes das políticas paisagísticas, 1995. In: IPHAN: **Cartas Patrimoniais**. 3ª Ed. Ver. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

TICCIH – The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage. **Carta de Nizhny**, em julho de 2003. Disponível em: <https://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>.

CASTILHO Ruiz, J. (dir.). **Carta de Baeza sobre patrimonio agrario**. Sevilla: UNIA, 2013. <http://hdl.handle.net/10481/36377>.